

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



# **BOLETIM DE CONJUNTURA**

**BOCA**

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8312096>

---



## PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL ACERCA DA AUDIODESCRIÇÃO NA UNIVERSIDADE

*Eliana Passos da Silveira<sup>1</sup>*

*Ana Flávia Teodoro de Mendonça Oliveira<sup>2</sup>*

*Michell Pedruzzi Mendes Araújo<sup>3</sup>*

*Edna Misseno Pires<sup>4</sup>*

### Resumo

O presente relato de pesquisa aborda a temática da audiodescrição e a análise da sua relevância para estudantes universitários. A audiodescrição é uma importante ferramenta para que as pessoas com deficiência visual possam compreender conteúdos audiovisuais, como filmes, eventos, imagens e para que sejam incluídos efetivamente em contextos como a sala de aula. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é desvelar as concepções dos estudantes com deficiência visual sobre a audiodescrição na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Os procedimentos metodológicos de levantamento dos dados contaram com a utilização da pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizada uma entrevista semiestruturada desenvolvida com duas discentes com deficiência visual da instituição. A análise dos dados obtidos por meio de entrevistas realizadas com as discentes na UFG foi realizada tendo por procedimento a análise de conteúdo de Bardin. Os dados coletados foram transcritos e, após a análise de conteúdo, identificaram-se oito temas de análise. Como resultados, destaca-se que o uso da audiodescrição na universidade é muito relevante, visto que, além de propiciar um melhor entendimento quanto ao conteúdo didático, promove também um sentimento de acolhimento e de pertencimento ao ambiente acadêmico, promovendo assim, a valorização do estudante com deficiência visual. Conclui-se, portanto, que a utilização da audiodescrição no âmbito do ensino superior por docentes, monitores e discentes é condição *sine qua non* para processos de ensino e aprendizagem exitosos. Ademais, percebeu-se a importância da formação de professores, para que esses se sensibilizem acerca da utilização de uma prática pedagógica inclusiva que abarque todos os estudantes.

**Palavras-chave:** Audiodescrição; Deficiência Visual; Universidade.

### Abstract

This research report addresses the theme of audio description and the analysis of its relevance for university students. Audio description is an important tool for visually impaired people to understand audiovisual content, such as films, events, images and for them to be effectively included in contexts such as the classroom. In this sense, the objective of this work is to reveal the conceptions of visually impaired students about audio description at the Faculty of Education at the Federal University of Goiás (UFG). The methodological procedures for data collection relied on the use of exploratory qualitative approach research. As a data collection instrument, a semi-structured interview developed with two visually impaired students at the institution was used. The analysis of the data obtained through interviews with the students at the UFG was carried out using Bardin's content analysis as a procedure. The collected data were transcribed and, after the content analysis, eight analysis themes were identified. As a result, it is highlighted that the use of audio description at the university is very relevant, since, in addition to providing a better understanding of the didactic content, it also promotes a feeling of welcome and belonging to the academic environment, thus promoting the appreciation of the visually impaired student. It is concluded, therefore, that the use of audio description in higher education by professors, monitors and students is a *sine qua non* condition for successful teaching and learning processes. Furthermore, the importance of teacher training was perceived, so that they become aware of the use of an inclusive pedagogical practice that encompasses all students.

**Keywords:** Audio Description; University; Visual Impairment.

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: [elianaufg@discente.ufg.br](mailto:elianaufg@discente.ufg.br)

<sup>2</sup> Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora e mestra em Educação. E-mail: [anaflavia1973@ufg.br](mailto:anaflavia1973@ufg.br)

<sup>3</sup> Professor da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutor e mestre em Educação. E-mail: [michellpedruzzi@ufg.br](mailto:michellpedruzzi@ufg.br)

<sup>4</sup> Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora e mestra em Educação. E-mail: [ednamisseno@ufg.br](mailto:ednamisseno@ufg.br)



## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema o estudo da audiodescrição e as suas potencialidades para a inclusão dos estudantes com deficiência visual no contexto da educação superior. Vale destacar que a audiodescrição tem se constituído uma importante ferramenta, pois permite que as informações visuais sejam transformadas em sonoras e que os estudantes com deficiência visual tenham uma percepção mais holística acerca da sala de aula, dos seus colegas, docentes, dos recursos didáticos utilizados-como vídeos, slides, imagens etc.

A execução dessa pesquisa se justifica pela relevância da audiodescrição para os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes com deficiência visual. Isso porque essa técnica facilita os mecanismos de compensação da deficiência visual por meio dos sentidos remanescentes para além da visão. Ademais, mesmo conhecendo os inúmeros benefícios da utilização da audiodescrição, há incipiência de estudos que abordam essa temática na educação superior.

Com base no exposto, este estudo objetivou, de modo geral, desvelar as concepções dos estudantes com deficiência visual sobre a audiodescrição na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. De modo específico, buscou-se verificar as implicações do uso ou não da audiodescrição no ensino e aprendizagem dos estudantes com deficiência visual na Universidade, e identificar quais são as dificuldades dos estudantes com deficiência visual em relação às práticas pedagógicas desenvolvidas na universidade no que tange ao uso da audiodescrição.

Metodologicamente, esse estudo compreende uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo exploratória. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com duas estudantes da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. Os dados obtidos foram categorizados segundo a técnica de análise de conteúdo.

No que tange ao referencial teórico, alicerçamos as nossas análises em autores que advogam a educação especial em uma perspectiva inclusiva, em pesquisadores que defendem a relevância da audiodescrição e em estudiosos acerca da inclusão das pessoas com deficiência visual nas escolas comuns da rede regular e na educação superior.

Almejando alcançar os objetivos delineados para esse trabalho, estruturalmente, esse relato de pesquisa está dividido em seções, quais sejam: caminhos metodológicos da pesquisa- seção na qual apresentamos a abordagem, o tipo de pesquisa, os procedimentos metodológicos de coleta de dados e o método de análise de dados; resultados- seção que aborda as seguintes categorias de análise: “a importância da audiodescrição na universidade”; “o suporte dos colegas na audiodescrição em sala de aula”; “as técnicas utilizadas pelos professores para realizar a audiodescrição de filmes em sala de aula”;



“barreiras enfrentadas nos eventos da universidade que não têm o recurso da audiodescrição a audiodescrição e o sentimento de acolhimento e pertencimento em sala de aula”; “a presença do estudante com deficiência visual na universidade e os impactos para a prática pedagógica do professor no tocante à utilização do recurso de audiodescrição”; “a formação dos professores universitários no tocante à inclusão da pessoa com deficiência visual”; por fim, trazemos à tona as considerações finais a partir do estudo desenvolvido.

## REVISÃO DE LITERATURA

A deficiência visual é uma comorbidade que acomete milhões de pessoas no Brasil e no mundo. Segundo o “Relatório mundial sobre visão” da Organização Mundial da Saúde, existem aproximadamente 2,2 bilhões de pessoas vivendo nessa situação (WHO, 2019).

Nesse sentido, incluir pessoas com deficiência visual na sociedade e, principalmente em instituições de ensino- de educação básica ou superior- é um imperativo (VIEIRA *et al.*, 2020; SONZA; VIRALONGA; MENDES, 2020; OLIVEIRA; PRIETO, 2020; CARBALLO, 2023), a fim de que se atenda à diversidade inerente à condição humana, que, para além do biológico, é um ser social e histórico (MOZER; DRAGO; DIAS; 2021; XAVIER; ARAÚJO, 2023). Outrossim, partimos do entendimento de uma educação inclusiva que visa à organização e/ou reestruturação do sistema educativo, e que considera as demandas, as necessidades e as particularidades dos indivíduos (RODRIGUES, 2020; ROCHA; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2021; DEMA; KLIBTHONG; SRISURAKUL, 2022).

De acordo com a pesquisa de Krämer, Möller e Zimmermann (2021), a inclusão tem efeitos positivos nos resultados cognitivos de estudantes com deficiência e nenhum efeito prejudicial nas dimensões psicossociais para discentes com e sem deficiência, todavia, a escolarização das pessoas com deficiência ainda tem ocorrido em alguns países, em ambiente segregado. Cabe salientar que, no Brasil, diferentemente de outros países, a inclusão escolar de estudantes é obrigatória e amparada por legislação específica (BRASIL, 2008).

No Brasil, existem políticas públicas (BRASIL, 2008; BRASIL, 2015) que visam o ingresso e permanência dos estudantes com deficiência nas universidades, porém, percebemos que há muito a avançar em termos de políticas e de medidas de sensibilização de toda sociedade para que, de fato, os estudantes com Deficiência Visual (DV) tenham as mesmas possibilidades que os estudantes que não possuem deficiência. Nesse caminho, o estudo de Rillotta, Lindsay e Gibson-Pope (2021) defende a



necessidade de mais programas que apoiem a inclusão de pessoas com deficiência na educação superior, a fim de que desenvolvam melhor as suas potencialidades.

No contexto da sala de aula, da educação básica ou superior, os processos de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência visual necessitam de adaptações tangíveis às especificidades desses sujeitos (VERASZTO *et al.*, 2018; MELO; CRISTOFOLETI; ROSSETTO, 2022) É necessário destacar que, ao longo da história, as pessoas com deficiência visual viveram socialmente uma vida marcada pela exclusão (LEÃO; SOFIATO, 2019; MELO; SILVA, 2020; OLIVEIRA; SANTIAGO; TEIXEIRA, 2022; TAN; PADILLA; LAMBERT, 2022; DRAGO; GABRIEL, 2023), ficando, muitas vezes, privadas de informações veiculadas por meio de imagens. Porém, no decorrer dos tempos, a sociedade tem apresentado mudanças conceituais e atitudinais, por meio de movimentos sociais e políticas públicas de inclusão, visando o acesso e a permanência aos estudantes com deficiência visual aos sistemas de ensino da educação básica à superior (SILVA; PIMENTEL, 2022; TASSA; RODASKI; CRUZ, 2023).

Por meio da análise do estudo de Westwood (2021), desenvolvido em Hong Kong- China, fica evidente que suplantar da integração para a inclusão dos estudantes com deficiência é um processo que envolve quebra de paradigmas, formação adequada dos docentes e apoio das famílias. No entanto, é um processo possível, que requer adaptação do currículo e que as especificidades dos estudantes sejam consideradas, a fim de que um ensino diferenciado e adaptado seja oferecido a eles. De forma análoga, a pesquisa de Warren *et al.* (2021), desenvolvida na Austrália, Grécia e Malásia, países signatários da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, desvelou que, embora a inclusão apresente-se de forma insatisfatória em alguns países, há consideráveis avanços em direção à inclusão, sobretudo na primeira infância.

Ante o exposto, considerando os processos de ensino e aprendizagem para os estudantes com deficiência visual, a utilização do Braille, a produção de materiais didáticos com alto relevo e diferentes texturas, o uso de dispositivos eletrônicos móveis como Tecnologia Assistiva e a audiodescrição têm ganhado protagonismo (SANTOS; BRANDÃO, 2020; KEFFER; MELO; ZATTERA, 2021; BORGES; MENDES, 2021), com acento de valor para esse último recurso. A prática pedagógica do docente, somada à produção de materiais didáticos acessíveis e adaptados às necessidades de cada educando, potencializa os processos de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse caminho, compete ao docente adaptar as suas práticas pedagógicas, objetivando desenvolver estratégias de ensino que contribuam para a interação de todos os estudantes. Destarte, são perceptíveis os benefícios que a interação com o meio, por intermédio da mediação de um professor com conhecimento da grafia Braille pode causar na vida de uma pessoa com deficiência visual (KEFFER; MELO; ZATTERA, 2021).



Um estudo desenvolvido por Pino e Viladot (2019) enfatiza que é imperativo aos docentes introduzir diferentes metodologias e abordagens de ensino e aprendizagem indispensáveis para a inclusão de estudantes com deficiência visual, e que eles necessitam de cursos específicos para potencializar tal ação. Vale destacar que o planejamento das aulas abarca a adaptação de atividades, o uso de diferentes estratégias, utilização de diferentes materiais, adaptações e suportes necessários para potencializar processos de aprendizagem e desenvolvimento exitosos aos estudantes com e sem deficiência.

Nesse diapasão, para que a inclusão do estudante com deficiência visual realmente se efetive no sistema educacional, uma das premissas básicas é a utilização dos recursos de tecnologia assistiva, nesse caso, especificamente a Audiodescrição (AD), pois ela contribui de maneira significativa para o acesso e entendimento dos conteúdos didáticos por meio da audição.

De acordo com a pesquisa de Ferziger *et al.* (2020), a audiodescrição é um serviço importante que deve ser amplamente utilizado para aumentar o engajamento de indivíduos com baixa visão ou deficiência visual em eventos culturais. Ademais, é fundamental que a audiodescrição seja disponibilizada juntamente com considerações abrangentes de acessibilidade.

Importa salientar que a utilização da audiodescrição, no contexto educacional, pode potencializar a redução das barreiras comunicacionais, possibilitando que os estudantes sejam mais participativos, críticos e autônomos. Isso pode refletir positivamente em seu rendimento acadêmico e influenciar diretamente na sua atuação como cidadãos (SANTOS; BRANDÃO, 2020).

Em consonância ao exposto, utilizar a audiodescrição como uma ferramenta pedagógica permite que os estudantes entendam as mensagens transmitidas visualmente e, assim, participem da cultura visual do ambiente em que estão inseridos. Quanto mais produtos e materiais audiodescritos a criança conhecer, maiores as possibilidades de promover aprendizagens significativas que ampliarão seu repertório e percepções de mundo, proporcionando maior qualidade de vida e inclusão social (MENEZES; ALVES, 2021).

De acordo com Vergara-Nunes (2016, p. 271), a audiodescrição didática (ADD) objetiva “dar ao aluno cego condições de aprender os conteúdos escolares veiculados por imagens junto com seus colegas em sala de aula em contextos inclusivos”, ou seja, é uma ferramenta que favorece o processo de inclusão. Vale destacar também que a ADD está alicerçada no pressuposto de “[...] todos terem direito à mesma informação” (VERGARA-NUNES, 2016, p. 241), uma vez que o docente pode incluir ou revelar informações significativas a todos os estudantes. Nesse íterim, a ADD é uma ferramenta que potencializa a inclusão dos estudantes público-alvo da educação especial, uma vez que suplanta a percepção de uma imagem estática, auxiliando nos processos de ensino e aprendizagem e na busca pela



autonomia, promovendo a comunicação e interação entre todos os educandos e o docente (VERGARA-NUNES, 2016).

Desde o surgimento da AD até os dias atuais, governantes de vários países vêm buscando uma definição para esse tema. No Brasil, embora a AD possa ser vista mais como um recurso de acessibilidade a bens culturais e de lazer para as pessoas com DV, essa temática utilizada como uma tecnologia assistiva nas universidades, bem como em todos os níveis de ensino, pode gerar possibilidades positivas no contexto educacional para esses estudantes (SANTOS; BRANDÃO, 2020).

No âmbito acadêmico, é preciso considerar que os docentes utilizam uma gama de recursos pedagógicos que contêm conteúdos imagéticos. Dentre esses recursos destacam-se o uso de apresentação em *Powerpoint*, filmes, vídeos, noticiário, além dos próprios textos utilizados na disciplina que por vezes apresentam imagens. Nesse contexto, entendemos que, se os professores universitários não utilizarem os recursos de AD em sala de aula, a aprendizagem dos estudantes com deficiência visual ficará seriamente comprometida.

Uma pesquisa desenvolvida por Hättich e Schweizer (2020) desvela que o uso da audiodescrição, potencializado por meio de um aplicativo, é uma ferramenta relevante para pessoas com deficiência visual assistirem e aproveitarem melhor os filmes tanto quanto os enxergantes e, conseqüentemente, exercerem parte da vida social.

Confluindo, alicerçados em Motta (2015), compreendemos a audiodescrição como um importante recurso da acessibilidade informacional, que alarga as possibilidades de inclusão das pessoas com deficiência visual por meio da informação sonora. Isso porque transforma a informação visual em verbal, possibilitando o acesso à cultura e às informações presentes não somente no ambiente acadêmico, mas em todas as esferas da vida social.

Nesse caminho, Vergara-Nunes (2016, p. 271) enfatiza que o objetivo da AD em sala de aula é “[...] dar ao aluno cego condições de aprender conteúdos escolares veiculados por imagens junto com seus colegas em sala de aula em contextos inclusivos”. Por esse prisma, o autor reitera que a AD pode ser utilizada como uma ferramenta da tecnologia assistiva, visto que se efetiva como uma modalidade de tradução intersemiótica e uma mediação linguística, transformando as imagens em palavras. Dessa maneira, segundo o autor, a AD possibilita ao estudante com DV acesso a informação do mesmo modo que os estudantes enxergantes, contribuindo assim, para o processo de inclusão. (VERGARA-NUNES, 2016).

Tendo em vista o exposto, pode-se perceber que a AD, como tecnologia assistiva na Universidade, permite ao estudante com DV acesso ao conteúdo didático visual, seja ele de uma imagem estática ou dinâmica, possibilitando a esses estudantes o acesso aos conteúdos didáticos por



meio da audição, ou seja, ouvindo o que não é possível ser visto, trazendo grandes benefícios ao ensino e aprendizagem desses estudantes universitários, favorecendo assim a sua inclusão escolar, cultural e social.

Uma pesquisa desenvolvida por Haegele e Maher (2023) advoga o centramento das experiências e a amplificação das vozes das crianças e jovens com deficiência nos e sobre os espaços educativos, concomitantemente ao reconhecimento das forças sociais mais amplas que estruturam esses espaços, tendo em vista que apenas os jovens com deficiência podem explicar como se sentem nos espaços educativos onde eles se encontram. De forma análoga, a pesquisa de Maher *et al.* (2023) destaca a necessidade de encorajar os estudiosos a centrar as experiências e a amplificar as vozes dos jovens com deficiência, e a considerar a inclusão como experiência intersubjetiva associada a sentimentos de pertencimento, aceitação e valor.

Nessa direção, a pesquisa de Carballo *et al.* (2023) sublinha que as instituições de ensino superior devem propor mais programas de formação continuada de professores acerca das deficiências, sobre o ensino inclusivo e o desenho universal para a aprendizagem e desenvolvimento, bem como possibilidades de adaptações razoáveis para os estudantes com deficiência e transtornos. Outrossim, os autores destacam a necessidade de programas, seminários e ações de sensibilização, a fim de que as universidades potencializem o desenvolvimento de uma visão mais positiva acerca da deficiência por parte dos educandos e do corpo pedagógico.

Nesse caminho, a utilização da audiodescrição pode contemplar esses cursos de formação continuada de educadores do ensino superior. Por meio da pesquisa de Temırbek Uulu, Sağın-Şimşek e Antonova-Ünlü (2023), compreendemos a relevância da audiodescrição e os seus efeitos como um importante recurso para as adaptações da informação visual em informação vocal.

A audiodescrição tem sido cada vez mais utilizada e defendida para processos de ensino e aprendizagem eficazes para os estudantes com deficiência visual (VERGARA-NUNES, 2016; SANTOS; BRANDÃO, 2020; SILVA; BARROS, 2021; KOEHLER; FOERSTE, 2021), no entanto, há incipiência de pesquisas acerca da temática em relação à sua utilização na educação superior, o que sublinha a importância da realização dessa pesquisa.

Nesse ínterim, é válido destacar que, cada vez mais, as questões sociais, como a inclusão de estudantes com deficiência, vêm sendo discutidas na nossa sociedade (WESTWOOD, 2021). Desse modo, é preciso que haja um engajamento por parte dos pesquisadores nessa área procurando melhores maneiras para promover a aprendizagem e desenvolvimento dos estudantes com deficiência, para que assim, verdadeiramente haja uma inclusão efetiva. Sendo assim, compreendemos a audiodescrição como



um recurso de acessibilidade importante na promoção de uma educação inclusiva para os estudantes com deficiência visual.

Tendo em vista a revisão de literatura desenvolvida, destacamos a necessidade de execução dessa pesquisa, que trará à tona aspectos da inclusão e da utilização da audiodescrição no contexto de uma universidade federal.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Considerando que o objeto de nossa investigação é “a percepção dos estudantes com deficiência visual sobre o uso ou não da audiodescrição no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Goiás”, utilizaremos para essa pesquisa a abordagem qualitativa. Para Minayo (2009), essa abordagem foca em um nível de realidade que não pode ser quantificado, trabalhando com um universo de múltiplos significados, visto que, essa abordagem não visa quantificar fenômenos e fatos, mas sim explicar as relações sociais, bem como os fenômenos e os processos que irão ocorrer durante a realização da pesquisa.

No que concerne aos objetivos, este estudo configura-se como uma pesquisa exploratória. Segundo Gil (2008), esse tipo de pesquisa irá nos proporcionar mais informações sobre o nosso objeto de estudo e colaborar para o aprimoramento de hipóteses.

Participaram dessa pesquisa 2 (duas) estudantes com deficiência visual, pertencentes ao curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás. A fim de preservar a identidade das entrevistadas, utilizamos a nomenclatura “Aluna 1” e “Aluna 2”. A primeira aluna apresenta cegueira no olho esquerdo e baixa visão no olho direito e aluna 2 possui cegueira total.

Quanto aos aspectos éticos da pesquisa, inicialmente foi solicitada à Pró-Reitoria de Graduação a autorização para a realização da coleta de dados na universidade. Com a autorização do referido órgão, a pesquisa foi encaminhada para apreciação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás e aprovada com base no parecer no CAAE 88055218.6.0000.5083.

A coleta de dados foi realizada na Faculdade de Educação na Universidade Federal de Goiás (UFG). Sendo assim, as estudantes com DV participantes dessa pesquisa responderam a uma entrevista semiestruturada, realizada individualmente. Sobre esse tipo de entrevista, Gil (2008, p. 111) destaca que as entrevistas “[...] menos estruturadas são desenvolvidas de forma mais espontânea, sem que estejam sujeitas a um modelo preestabelecido de interrogação”.

Portanto, por meio dessa abordagem, pretendemos adquirir dados que colaborem para um melhor entendimento sobre o nosso objeto de estudo, uma vez que, mediante a aplicação dessa entrevista,



abordamos sobre a percepção das estudantes com DV sobre o uso ou não da audiodescrição na universidade.

Os dados coletados nas entrevistas foram organizados, analisados e discutidos a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2011), visto que utilizamos essa metodologia, pois o autor a define como sendo “[...] um conjunto de técnicas de análises das comunicações” (BARDIN, 2011, p. 31). Portanto, a finalidade deste método de análise é por meio de um conjunto de técnicas compreender os elementos contidos nos dados coletados e a partir daí analisar e trazer resultados sistemáticos e objetivos que colaborem com a pesquisa em questão.

## RESULTADOS

Os dados coletados nesse estudo foram ordenados em categorias organizadas a partir da análise de conteúdo de Bardin (2011). A classificação dessas categorias é um processo com normas definidas que, segundo a autora, “impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir seu agrupamento, é a parte comum existente entre eles” (BARDIN, 2011, p. 118).

Portanto, a partir das falas das entrevistadas foram elencadas algumas categorias que estão representadas pelas seções secundárias a seguir.

595

### A importância da audiodescrição na universidade

No que concerne à relevância da audiodescrição no âmbito acadêmico, as alunas com deficiência visual indicaram a sua importância, evidenciando, que esse é um espaço onde se promove a aquisição de conhecimentos institucionalizados que serão relevantes para suas vidas. A aluna 1, sinaliza ainda, o sentimento de pertencimento e valorização quando a audiodescrição é utilizada na universidade, conforme descrito a seguir:

Para mim foi um universo que se abriu que eu não conhecia. Conhecia assim, mas muito de longe, não tinha esse cuidado tanto assim eu já ouvi, já tinha visto lá na biblioteca braille, mas era outra coisa diferente. Agora, ver de perto é bem diferente, então assim para mim está sendo um acolhimento. Porque é uma coisa, é algo que é feito para mim, então assim eu acho que eu estou sendo supervalorizada na UFG não tenho muito o que reclamar não [...] A audiodescrição ajuda bastante, aumenta, amplia o conhecimento do conteúdo que está sendo transmitido. (Aluna 1).

Eu acho que é importante sim a questão da audiodescrição na universidade, principalmente na universidade. Porque, é o lugar de educação de estar aprendendo algo a mais na vida da gente, então assim, dá uma visão pra gente que a gente não tem e faz a gente criar uma imaginação, de tudo que está apresentando ou que está em nossa volta, então isso é muito importante, a



importância da audiodescrição é muito grande. Como a Aluna 1 falou não só na universidade, mas em todos os lugares, mas na universidade principalmente na universidade. (Aluna 2).

Como podemos perceber pela fala das entrevistadas, a audiodescrição amplia o entendimento do conteúdo didático, visto que, trata-se de uma mediação linguística que transforma o visual em verbal. Como asseveram Motta e Romeu Filho (2010):

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual [...] por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010, p. 11).

Ainda, em consonância com Vergara-Nunes (2016), a “[...] audiodescrição tem esse propósito, o de tornar acessível à pessoa cega o conteúdo visual, dando-lhe condições de apreender a informação veiculada por uma imagem.” (VERGARA-NUNES, 2016, p. 27). De forma análoga, Silva e Barros (2021) destacam que o princípio basilar que orienta a audiodescrição é “[...] tornar acessíveis, por meio de palavras, informações-chaves transmitidas de modo essencialmente visual”.

Destarte, a audiodescrição é um recurso de acessibilidade que pode gerar grandes benefícios aos processos de ensino e aprendizagem de estudantes com deficiência visual, contribuindo também para uma visão mais humana e acessível do mundo a qual fazem parte. Portanto, é necessário que cada vez mais a audiodescrição se torne um recurso acessível a esses estudantes, para que assim eles possam ter as mesmas oportunidades que os demais colegas.

## O suporte dos colegas na audiodescrição em sala de aula

As alunas 1 e 2 ressaltaram a importância do apoio dos colegas em relação a realização da audiodescrição na sala de aula da universidade. É válido antever, que as alunas com deficiência visual, relataram que por meio desse suporte recebido dos colegas, os professores têm se dado conta da importância da audiodescrição no âmbito acadêmico e se empenham em oferecer uma educação com propósitos mais inclusivos, como vemos a seguir:

Então, com relação aos professores, eles quase não têm esse cuidado de se autodescreverem. Porque, na minha sala já aconteceu assim, meus colegas todas as vezes que eles vão apresentar um trabalho a maioria deles fazem audiodescrição. E aí o professor fala “Nossa, eu acho que eu nunca me descrevi para Aluna 1”. Aí as meninas já começam a brincar: nossa, isso aconteceu com o professor Eduardo. Falaram “nossa ele é bonito viu”, então assim, ele começou a se descrever, a maioria começa assim, mas quase nunca acontece isso do professor se descrever, mas é os alunos mesmo que falam para mim (Aluna 1).



E o que é melhor, as meninas que fazem estágio comigo, as minhas colegas, elas já vão entrando já vão falando para os nossos alunos, “Olha a Aluna 1 ela é deficiente visual, nossa professora, aí vocês podem se apresentar fazendo a audiodescrição, falando a cor das roupas de vocês”. Porque as minhas colegas têm sempre esse cuidado comigo, então assim, os meninos lá do estágio já sabem como eu sou, aí eles já vão chegando boa noite, já vão falando que roupa que eles estão, uma gracinha! (Aluna 1).

Sendo assim, é preciso considerar a importância dos colegas no contexto de possibilitar ou mesmo chamar a atenção dos docentes para a importância do uso desse recurso de tecnologia assistiva.

Em relação a esse convívio, Stainback e Stainback (1999) afirmam que o ensino inclusivo proporciona aos alunos com deficiência e sem deficiência, e aos professores, o aprendizado da interação no mundo real e consideram o valor social da igualdade, a aceitação e o respeito pelas diferenças, as razões mais significativas do processo inclusivo. Constatamos, portanto, que as experiências vividas em sala de aula com os colegas cegos têm possibilitado a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, sobretudo, no que se refere ao uso da audiodescrição em sala de aula.

Face ao exposto, podemos perceber a relevância do professor em assumir de fato o papel em sala de aula na utilização de técnicas pedagógicas inclusivas e de tecnologia assistiva, como a audiodescrição. Porém, o ideal seria que o próprio professor tivesse consciência da utilização desse recurso, e fizesse uso dele, visto que na perspectiva inclusiva, faz-se mister que os docentes criem condições para que os estudantes com deficiência visual tenham êxito no processo de ensino e aprendizagem. A esse respeito, entendemos que, diante de um mundo em constante transformação, é imperativo que o professor não fique desatento aos acontecimentos hodiernos, uma vez que precisa acompanhar todo o dinamismo da nossa sociedade (MORAES; HUMMEL; SILVA, 2023). Destarte, entendemos que o uso da audiodescrição é uma necessidade emergente que tange a profissionalidade docente em uma perspectiva inclusiva.

Nesse sentido, Lopes (2019) afirma que “Existem sempre controversas ao tentar definir os sucessos da inclusão, mas cabe afirmar aqui, que a atuação do professor é crucial, pois é nas mãos dele que está o poder de decidir se um aluno terá a chance ou não de se tornar parte atuante no processo ensino-aprendizagem” (LOPES, 2019, p. 8).

Tendo em vista o exposto, podemos perceber que embora seja de grande importância o suporte fornecido pelos colegas, não se pode eximir os docentes da responsabilidade de buscar os meios para que os estudantes com deficiência visual sejam realmente e efetivamente incluídos no ambiente acadêmico.



## As técnicas utilizadas pelos professores para realizar a audiodescrição de filmes em sala de aula

Inicialmente podemos perceber em uma das falas da aluna 1, que apesar dos esforços dos professores em promover a audiodescrição no âmbito acadêmico, os filmes indicados pelos docentes em suas práticas educativas não possuem audiodescrição, causando um grande prejuízo no que concerne ao entendimento do contexto dos filmes pelas alunas com deficiência visual.

Em relação às técnicas empregadas pelos docentes para audiodescrever os filmes, as alunas com deficiência visual identificaram a preocupação por parte de alguns professores em audiodescrever os filmes utilizados em sala de aula. No que se refere à técnica utilizada, as alunas indicaram que os professores utilizam técnicas diversas, conforme vemos a seguir:

Olha, o filme os professores sempre têm esse cuidado, embora às vezes acontece de os filmes ser um tipo assim, o filme do professor Rubens de estágio, ele disse que o filme era dublado só que no meu não era, estava em outro idioma. Mas assim, a professora Paula ela vai passando o filme, [...] aí quando chega no filme assim ela pára e vai explicar o que que está acontecendo. É só ela quem faz isso, é só ela. Mas a maioria passa filme assim para gente assistir em casa mesmo [...] são filmes dublados, mesmo normal, eles nunca passaram filme com audiodescrição. E quando é feita a audiodescrição, tem bastante diferença, nossa! Porque tem várias ações que não são faladas na dublagem, na linguagem dos personagens[...] fala mesmo é só o básico do filme, então assim, quando tem a audiodescrição dá para você sentir o filme, que você está assistindo um filme de verdade. (Aluna 1).

598

Nesse contexto, apesar da professora mencionada pela aluna 1, ter parado o filme para explicar o que estava acontecendo no mesmo, essa não é a técnica correta para se fazer a audiodescrição de uma obra cinematográfica. Nesse sentido, Campos, Araújo e Souza Filho (2014) salientam que a audiodescrição nos filmes deve ser:

[...] inserida entre os diálogos dos filmes, através de uma narração, de forma que não haja interferência nos efeitos sonoros do áudio. Essa tradução transforma toda a informação visual em palavras, ou seja, audiodescreve tudo o que é visto.[...] Ressalte-se também que é importante que poucas palavras sejam utilizadas nas descrições para evitar um excesso de informações no áudio. (CAMPOS; ARAÚJO; SOUZA FILHO, 2014, p. 2).

Por outro lado, a aluna 2 salienta que teve uma experiência positiva ao assistir um filme em sala de aula, em que a professora procurou audiodescrever o filme, sem interrupções.

[...] A professora Helena fez só para mim. Então foi muito bom, porque eu tive todo o contexto do filme [...] você se sente dentro do filme, eu me senti lá na cena do filme, eu me senti como se eu tivesse vendo mesmo na realidade o que estava acontecendo lá. (Aluna 2).



Dessa forma, entendemos que o fato de o professor se propor a fazer audiodescrição não significa de fato que o mesmo esteja utilizando a técnica correta para audiodescrever os filmes. Sendo assim, embora consideremos a importância da atitude inclusiva dos professores, apontamos para a relevância da formação docente no sentido de possibilitar práticas pedagógicas mais inclusivas.

## **As técnicas utilizadas pelos professores para fazer a audiodescrição de imagens nos textos em sala de aula**

No que diz respeito às técnicas para audiodescrever as imagens dos textos, as graduandas com deficiência visual reconhecem que alguns professores se esforçam e criam maneiras de audiodescreverem as imagens contidas nos textos utilizados em sala de aula. As estudantes destacam ainda, a importância quanto ao suporte dos colegas na audiodescrição dessas imagens, como vemos a seguir:

Eu já tive professores que já descreveram para mim. Igual esses dias mesmo a professora Neusa ela postou um texto que tinha uma imagem e aí lá no grupo não deu para o celular, ele não lê as imagens quando o texto tem imagem. Aí ela pegou e fez a audiodescrição do texto para mim na sala de aula. (Aluna 2).

599

Nesse sentido, concordamos com Motta (2015) quando enfatiza que a diversidade em sala de aula exige das instituições de ensino e dos docentes uma reflexão sobre a prática pedagógica, que promova a inclusão de todos, desse modo, os obriga “a introduzir novas ferramentas que possam colaborar para o sucesso de tarefas, dentre elas a tarefa de promover o acesso a esse universo repleto de imagens para todos os alunos, incluindo alunos com deficiência visual” (MOTTA, 2015, p. 2).

No que se refere à aula de artes na universidade, a aluna 1 destaca que o professor utilizava muitas imagens em sala de aula, solicitando aos estudantes que as descrevessem, o que era considerado pela aluna com DV uma prática pedagógica que a possibilitava vivenciar espaços que ainda não conhecia, como podemos constatar no seu relato:

Na aula de artes do professor João a aula dele mais era só expositiva, era só falando. Ele apresentava desenho, demais. Só que todos os alunos descreviam uma parte, ele colocava uma figura, um desenho na tela de um lugar e eu me imaginava estar naquele lugar e teve uma vez que eu falei “Nossa! Esse lugar descreve a cidade de Goiás”. Ele falou, “É de lá que a gente está falando agora”. (Aluna 1).

Com relação a fala da aluna 1, sobre a disciplina de Ensino da Arte e a prática pedagógica do professor, as autoras Gross e Nogueira (2016) afirmam que:



Trabalhando como professora de Artes Visuais, lecionando para alunos cegos e com baixa visão incluídos nas turmas comuns, foi observado que uma intermediação da imagem eficiente é uma das principais medidas a ser tomada pelos professores para que a inclusão deste grupo de alunos seja bem sucedida.[...] Há necessidade de intermediar imagens através de reproduções táteis de obras de arte, aliadas à respectiva audiodescrição [...] É realizada ainda a “descrição” das obras, procedimento utilizado nas aulas com alunos com e sem deficiência, para o aprofundamento da percepção dos elementos visuais e da história da arte. Assim, a descrição e a audiodescrição de imagens são trabalhadas conjuntamente, tornando o Ensino da Arte acessível para todos os alunos com e sem deficiência. (GROSS; NOGUEIRA, 2016, p. 34).

Sendo assim, é fundamental destacar que a audiodescrição das imagens é de grande relevância para o entendimento dos estudantes com deficiência visual, especialmente nas aulas de artes em que se utiliza uma gama diversa de materiais visuais, como pinturas, esculturas e as obras de arte de uma maneira geral.

## **BARREIRAS ENFRENTADAS NOS EVENTOS DA UNIVERSIDADE QUE NÃO TÊM O RECURSO DA AUDIODESCRIÇÃO**

No que diz respeito às barreiras enfrentadas na universidade, a aluna 2 relata que a falta da utilização da audiodescrição e do uso de recursos pedagógicos não adaptados no cotidiano da universidade, fortalece algumas práticas excludentes, visto que, a não utilização desse recurso contribui de maneira significativa para a falta de entendimento sobre o que está acontecendo no seu entorno, como podemos constatar nos excertos abaixo:

Bom, a minha dificuldade é quando vai ter algum evento que não tem ninguém para descrever, para fazer audiodescrição do evento, por exemplo, quando vai ter uma palestra e que não tem ninguém para descrever, para fazer audiodescrição é muito difícil ou uma peça, enfim, todos os eventos que requer a questão da audiodescrição. Porque quando você é cego, você fica ali, você não sabe nada o que está acontecendo no ambiente, então para gente isso é muito difícil essa questão. Porque você não sabe os movimentos que a pessoa está fazendo, não sabe uma imagem no slide ou no telão que esteja que está passando alguma coisa, então isso é para nós, se torna como que eu poderia falar, uma inacessibilidade das coisas né?! Que acontece. Eu acho que a maior dificuldade é essa (Aluna 2).

Conforme a fala da Aluna 2, podemos perceber que é muito importante que os organizadores dos eventos científicos na universidade estejam atentos para a inserção de recursos de acessibilidade, como a audiodescrição, procurando atender e incluir os estudantes com deficiência visual. Afinal, o recurso da audiodescrição em eventos científicos está garantido na Lei Brasileira da Inclusão (2015), como exposto a seguir:



Art. 70 – As instituições promotoras de congressos, seminários, oficinas e demais eventos de natureza científico-cultural devem oferecer à pessoa com deficiência, no mínimo, os recursos de tecnologia assistiva previstos no art. 67 desta Lei.

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I - subtitulação por meio de legenda oculta; II - janela com intérprete da Libras; III - audiodescrição. (BRASIL, 2015).

Conforme o exposto, a audiodescrição, em eventos acadêmicos, é um direito para os estudantes com deficiência visual. Inspirados em Drago e Gabriel (2023), entendemos que em uma sociedade tão diversa, todos, independentemente da sua condição orgânica, devem ser considerados como seres sociais de direito, se desenvolverem como indivíduos autônomos e participarem efetivamente de um contexto histórico que os valorize.

Nesse caminho, destacamos a importância de a Universidade repensar os espaços acadêmicos e os eventos oferecidos na instituição, promovendo acessibilidade em todos os níveis, especialmente no que diz respeito à audiodescrição.

## A AUDIODESCRIÇÃO E O SENTIMENTO DE ACOLHIMENTO E PERTENCIMENTO EM SALA DE AULA

601

No que concerne a utilização da audiodescrição na universidade, as alunas 1 e 2 salientam que se sentem valorizadas e incluídas no espaço acadêmico, como vemos a seguir:

Eu me sinto até envergonhada, que eu não tenho muito costume com isso, eu não era assim muito acostumada a ser paparicada, aí eu fico até com vergonha tem hora que eu penso “Nossa meu Deus! Será que isso tudo é pra mim?” Aí eu fico com vergonha. (Aluna 1).

[...] é um sentimento muito bom, sabe? De saber que as pessoas estão mudando, que as pessoas estão se preocupando com a gente, de saber que tem pessoas com deficiência visual na universidade e tem essa preocupação. É então..., assim, você se sente melhor, sabe? De saber que você pode assistir uma apresentação que alguém vai se preocupar em descrever como ele está vestido [...] que as pessoas se preocuparam de falar a capa do livro, então isso é muito importante porque você se sente incluído naquela turma naquele lugar, então isso realmente é muito bom! (Aluna 2).

A partir da fala das alunas entrevistadas, podemos perceber que o uso da audiodescrição na universidade é muito relevante, visto que, além de propiciar um melhor entendimento quanto ao conteúdo didático, promove também um sentimento de acolhimento e de pertencimento ao ambiente acadêmico, promovendo assim a valorização do estudante com deficiência visual, dessa maneira, torna a universidade mais inclusiva.

Em consonância ao exposto, inspirados em Nascimento e Seixas (2021), entendemos que é fundamental que todos aprendam a conviver com a diversidade, assim como é imperativo criar



condições, estimular a inclusão, transpor os paradigmas e realizar adaptações em recursos didáticos, a fim de que as vidas das pessoas que compõem o público-alvo da educação especial tornem-se mais práticas e comuns o possível, culminando na criação de uma cultura de respeito a todos. Nesse caminho, entendemos que o uso da audiodescrição pode compor essa cultura institucional inclusiva na universidade.

## **A PRESENÇA DO ESTUDANTE COM DEFICIÊNCIA VISUAL NA UNIVERSIDADE E OS IMPACTOS PARA A PRÁTICA PEDAGÓGICA DO PROFESSOR NO TOCANTE À UTILIZAÇÃO DO RECURSO DE AUDIODESCRIÇÃO**

Com relação à utilização da audiodescrição na universidade, a aluna 2, atribui a utilização desse recurso de acessibilidade muito pela sua luta, visto que ao adentrar na Faculdade de Educação (UFG) não havia a utilização desse recurso. A aluna explicita também o seu desconforto em relação a ter que fazer constantes solicitações para que os professores fizessem a audiodescrição.

Acredito que a audiodescrição na Universidade veio muito pela minha luta. Porque ninguém tinha o conhecimento sobre isso, então assim, depois que eu entrei, que você também começou a falar e tudo, e eu sempre falava na sala, então foi abrindo um espaço para que as pessoas conhecessem. Porque ninguém tinha o conhecimento de audiodescrição, então como se diz, eu vejo que é por eu ter entrado, que eu dei abertura para isso acontecer. Sabe, eu me sinto muito feliz com isso, porque eu pude ajudar outras pessoas que vieram depois, a ter esse recurso, que as pessoas passaram a conhecer e os alunos, os nossos colegas fazer isso para nós. Então isso é muito importante, eu me sinto muito feliz por isso, porque foi um espaço que realmente se abriu, eu já tinha conhecimento, porque eu assistia filmes com audiodescrição e eu já fui no cinema com audiodescrição. Então isso é muito bom, sabe? Você ter a imagem do que está acontecendo é muito gratificante. (Aluna 2).

[...] igual eu falei, quando eu entrei ninguém tinha esse cuidado, nem um professor fazia isso, e de tanto eu insistir de tanto eu falar, de tanto eu pedir foi que eles foram fazendo. [...] eles nunca se negaram, mas assim, no começo a gente via que parecia que a gente estava sendo chata, sabe professora? Então, eu vi que depois que começou, que eles viram realmente aquilo era necessário não teve mais problema, eles se descrevem quando vão começar as aulas. Por exemplo no início do semestre eles fazem a audiodescrição e com os slides agora não tem mais problema de descrição então foi um leque muito grande que se abriu. (Aluna 2).

Como podemos perceber no relato da aluna 2, a audiodescrição na universidade se deu pela sua insistência em ter acesso a esse recurso. Porém, é essencial analisar que a Lei nº 13.146, intitulada como Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência de 2015, prevê o acesso à informação e a comunicação em diversos âmbitos, em condição de igualdade com os demais estudantes. Desta maneira, a referida lei institui que:

Art. 73 Caberá ao poder público, diretamente ou em parceria com organizações da sociedade civil, promover a capacitação de tradutores e intérpretes da Libras, de guias intérpretes e de



profissionais habilitados em braile, **audiodescrição**, estenotipia e legendagem (BRASIL, 2015, p. 20, destaque nosso).

Ante o exposto, podemos perceber que existem leis que englobam a audiodescrição como um meio de promover o acesso à comunicação das pessoas com deficiência visual. Desse modo, a audiodescrição é um direito dos estudantes com deficiência visual, portanto, não deve ser encarada como uma forma de benevolência por parte dos professores.

É válido antever que todos têm direito à educação, independentemente do tipo de deficiência e do grau de comprometimento, a educação é elemento constitutivo da pessoa e “[...] deve estar presente desde o momento em que ela nasce, como meio e condição de formação, desenvolvimento, integração social e realização pessoal” (BRASIL, 2001). Em consonância com essa lei está a LBI de 2015, que, em seu capítulo sobre a acessibilidade das pessoas com deficiência no âmbito educacional, ressalta que:

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015).

Faz-se mister enfatizar a importância de uma prática pedagógica inclusiva que contemple a todos os educandos. Nessa perspectiva, a universidade como locus privilegiado do conhecimento científico deve promover uma educação de fato para todos que garanta condições de igualdade. Nesse sentido, a Lei Brasileira da Inclusão (2015) assevera que cabe ao “[...] poder público assegurar, criar, desenvolver, implementar, incentivar, acompanhar e avaliar: [...] acesso à educação superior e à educação profissional e tecnológica em igualdade de oportunidades e condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015).

Face ao exposto, cabe às universidades, por meio dos seus projetos pedagógicos e de formação continuada de professores, garantir aos educandos com deficiência visual uma aprendizagem significativa por meio de práticas pedagógicas mais inclusivas e recursos de tecnologia assistiva que garantam a aquisição de conhecimento em condições de igualdade com os demais estudantes. Destarte, inspiramo-nos em Miskalo, Cirino e França (2023, p. 20), quando destacam que a “formação continuada pode ser favorável ao passo que permita ao professor articular teoria à prática vivenciada, em sala de aula, nos momentos formativos em serviço”.

Nesse sentido, Carvalho (2017) salienta que:

É fundamental que as Universidades se deem conta de que a audiodescrição é algo muito necessário em todos os âmbitos, inclusive da pesquisa acadêmica. As faculdades de Pedagogia, Letras, Artes, assim como as demais faculdades de licenciaturas, estejam dispostas a ofertar



disciplinas em seu currículo base que ensinem a utilidade da audiodescrição na educação (CARVALHO, 2017, p. 81).

Cabe ressaltar que a aluna 1 destaca que tanto a sua presença em sala de aula quanto o fato de muitos de seus colegas fazerem a disciplina de núcleo livre sobre educação inclusiva contribuem para que eles compreendam a importância do recurso de audiodescrição na inclusão das pessoas com deficiência visual, como é possível verificar abaixo:

Acho que os meus colegas têm essa preocupação com a audiodescrição por dois motivos, pela minha presença e eles tiveram muito interesse em fazer as disciplinas de núcleos livres sobre educação inclusiva. Porque a maioria dos meus colegas já fizeram uma disciplina para aprender a lidar com o aluno assim. Porque a maioria fala assim “Nossa Aluna 1, eu já tive aula com a professora Helena, mas eu já me esqueci como que é”, e aí já vão pegando no meu braço, “Qual é o tipo que você acha melhor” E falam assim, eles têm essa preocupação já de fazer o certo. Então, assim, é o que eles aprenderam também na faculdade junto comigo (Aluna 1).

Neste sentido, vale ressaltar que a presença de discentes público-alvo da educação especial em sala de aula propicia ao estudante sem deficiência um olhar mais holístico e inclusivo, auxiliando-os a elaborar concepções mais inclusivas a respeito do Outro e das diferenças. Além disso, importa antever que o ensino inclusivo propicia aos discentes sem deficiência a oportunidade de construção de uma concepção menos excludente, estimulando a aceitação e o respeito pelas diferenças, difundindo assim os pressupostos da prática inclusiva (ROCHA; OLIVEIRA; ARAÚJO, 2021).

## **A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO TOCANTE À INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

As alunas 1 e 2 destacam a importância da formação de professores, esclarecendo que esses momentos formativos contribuem para que os docentes conheçam a diversidade de recursos de acessibilidade disponíveis para que o estudante com deficiência visual acompanhe as aulas satisfatoriamente, como destacado a seguir:

A formação é importante, porque ela constrói no professor algo de assim já vou para sala preparado, mais preparado. Porque antes, o professor não estava nem sabendo como entrar na sala de aula ou como receber um aluno e a partir dessas reuniões promovidas na Faculdade de Educação, eu acho que o professor já passa a ter mais cuidado com aluno, com o deficiente visual. Porque, tem professores que já chega já fala assim, ele passa uma prova fala, “Nossa e a Aluna 1?! Vai ter que ser diferente”, então já está sabendo assim tudo comigo vai ser diferente, então assim ele já tem essa percepção (Aluna 1).

A formação é muito importante pois, ela faz crescer o interesse do professor a ter esse cuidado com o aluno que tem a deficiência visual [...] porque antes não tinha esse cuidado, você tinha que



estar falando e tudo, e depois que você começou a fazer essas reuniões com os professores isso tem mudado a cada semestre [...] eu fico muito feliz de saber que tem uma pessoa dentro da Universidade que se preocupa com isso, e que faz isso com tanto amor, com tanta dedicação dentro da universidade (Aluna 2).

A estudante 2 destaca que a implantação de cursos de formação realizados na Faculdade de Educação com os professores, tem contribuído para tornar a prática pedagógica mais inclusiva.

Eu acho que sim [...] cada vez que a gente vai cobrando a gente vai ensinando o professor vai mostrando para ele o jeito de fazer, de trabalhar com a gente e tendo esses cursos de formação, iguais essas reuniões que você faz, isso vai cada vez vai melhorando mais, tornando a prática pedagógica mais inclusiva. Tanto na parte de formação com os professores, quando a parte arquitetônica que eles estão reformando as calçadas lá fora e tudo então a gente ver que realmente está tendo um olhar diferenciado de quando eu entrei e agora depois que a Aluna 1 entrou por exemplo já melhorou muito mais. (Aluna 2).

Sobre essa formação, Mantoan (1997) destaca a importância de os professores procurarem aperfeiçoar suas práticas pedagógicas, buscando conhecer novos recursos que contribuam para que o discente com deficiência seja de fato incluído nas suas aulas, a partir de uma aprendizagem significativa. Para a autora, a inclusão “[...] é um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas e, assim sendo, a inclusão escolar de pessoas deficientes torna-se uma consequência natural” (MANTOAN, 1997, p. 120).

No tocante à formação, Almeida e Lopes (2021) salientam que ainda é preciso investimentos para capacitar os professores em relação a audiodescrição, pois apesar de muitos já terem ouvido falar sobre essa tecnologia assistiva:

[...] poucos sabem o que é na prática [...] Dessa forma, intentamos, [...] revelar a necessidade de investimento na capacitação dos professores para o desenvolvimento de uma proposta educacional que promova de modo equânime o acesso à construção do conhecimento e, ainda, defender que o conhecimento sobre este recurso, seus benefícios, aplicabilidade e técnicas permitirá que a AD possa ser utilizada como ferramenta, o que sem dúvida poderá contribuir para o enriquecimento do agir pedagógico (ALMEIDA, LOPES, 2021, p. 4).

Para Vieira *et al.* (2020), os momentos de formação necessitam estar conectados a melhores condições de trabalho, a fim de que os docentes consigam problematizar os conhecimentos mediados e as práticas pedagógicas, desafiando-se à pesquisa, ao estudo, à desconstrução de paradigmas e cristalizações acerca dos estudantes público-alvo da educação especial e à busca por novas maneiras de ensinar a todos.

A partir do estudo desenvolvido, podemos compreender que a AD utilizada em sala de aula pelo professor, em um contexto educacional inclusivo com o propósito de auxiliar e apoiar o estudante com DV, além de equiparar as oportunidades de conhecimento e romper com as barreiras comunicacionais,



resulta também, por beneficiar a todos os estudantes, visto que contribui para que os estudantes enxergantes passem a ter um olhar mais inclusivo em relação ao seu colega com deficiência visual.

Por esse prisma, a AD pode contribuir de maneira significativa para os processos de ensino e aprendizagem desses estudantes, pois estimula a imaginação propiciando assim, o acesso a conteúdos imagéticos por meio da audição, contribuindo também para que os estudantes com DV se apropriem daquilo que está contido no meio visual, possibilitando, assim, ao estudante com DV compreender e interpretar os conteúdos imagéticos em palavras, de forma mais dinâmica, fazendo com que as palavras passem a ganhar significado.

Nesse ínterim, é imperativo intensificarmos as ações a fim de que os docentes tenham formação inicial e continuada sólida no que tange à inclusão de estudantes com deficiência visual, para que possam, verdadeiramente, desenvolver práticas pedagógicas inclusivas (MAMCASZ-VIGINHESKI; ALVARISTO; SHIMAZAKI, 2023). Destarte, sublinhamos a importância da formação de professores como forma de aperfeiçoar suas práticas pedagógicas, objetivando também a construção de novas concepções e representações sobre a inclusão no âmbito acadêmico, de modo a favorecer um ensino de qualidade para as pessoas com deficiência e assim, promover de fato a inclusão na universidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o intuito de verificar a utilização da audiodescrição na universidade, essa pesquisa objetivou desvelar as concepções dos estudantes com deficiência visual sobre a utilização da audiodescrição na Faculdade de Educação na Universidade Federal de Goiás (UFG).

Por meio de uma entrevista semiestruturada realizada com duas estudantes que apresentam deficiência visual na instituição, percebemos que a utilização da audiodescrição como uma ferramenta de tecnologia assistiva é muito importante. Isso porque a audiodescrição contribui de maneira significativa para o acesso e entendimento dos conteúdos didáticos por meio da audição, ou seja, a audiodescrição como uma forma de traduzir aquilo que não pode ser visto, porém, ao ouvir o estudante com deficiência visual, passa a interpretar e atribuir maior significado no que está sendo proposto em sala de aula.

A respeito desses benefícios obtidos por meio da audiodescrição, podemos considerar a relevância dessa técnica como facilitadora na aprendizagem dos estudantes com deficiência visual, uma vez que, esses conseguirão uma melhor compreensão sobre os conteúdos didáticos utilizados no âmbito acadêmico, favorecendo assim, o mesmo entendimento e desenvolvimento que os demais colegas universitários, efetivando a sua inclusão.



Desse modo, inspirados em Motta (2015), entendemos que a audiodescrição é um recurso de acessibilidade comunicacional que expande o entendimento das pessoas com deficiência visual, dessa forma, estas conseguirão um melhor entendimento quanto aos conteúdos imagéticos que estão a sua volta, contribuindo para a sua inclusão no âmbito educacional, cultural e social (MOTTA, 2015).

Com intuito de alcançar o objetivo proposto nesta pesquisa, acreditamos que existem questões importantes sobre a utilização da audiodescrição na universidade que devem ser pensadas, para que as pessoas com deficiência visual possam de fato ter um aprendizado significativo, crítico e emancipatório.

Embora a legislação brasileira tenha procurado garantir os processos de ensino e aprendizagem das pessoas com deficiência visual, de modo que tenham oportunidades de desempenho e desenvolvimento igualmente aos demais estudantes, entendemos que muito ainda precisa ser feito para que políticas educacionais inclusivas sejam efetivadas nas universidades.

Cabe ressaltar que é preciso investir em cursos de formação de professores como foco na audiodescrição, uso de modelos táteis e/ou em Braille, para que esses se sensibilizem e se conscientizem quanto à utilização de uma prática pedagógica inclusiva que abarque a todos os estudantes, inclusive os que apresentam deficiência visual, assegurando o acolhimento à diversidade existente em sala de aula.

Neste contexto, o presente estudo apresentou-se de forma a colaborar com as políticas públicas e reforçar que a universidade deve ser referência quanto à inclusão de todos os estudantes. Isso porque o educando com deficiência visual deve ter acesso a todos os aspectos educacionais no âmbito acadêmico, sejam eles de modo imagético como o uso de apresentação em *Powerpoint*, filmes, vídeos, além dos próprios textos utilizados na disciplina que por vezes apresentam imagens, como também acesso aos eventos acadêmicos.

Em suma, acreditamos que o uso da audiodescrição pelos professores, no meio acadêmico, pode garantir condições de aprendizagem equitativa a todos os estudantes. Por conseguinte, consideramos que a audiodescrição pode ser utilizada na universidade como um recurso facilitador para os estudantes com deficiência visual, garantindo assim, uma educação significativa e de qualidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. C. C.; LOPES, M. A. P. T. “O que é audiodescrição, mesmo?”. **Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre**. Belo Horizonte: UFMG, 2021.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Editora Edições 70, 2011.

BORGES, W. F.; MENDES, E. G. “Recursos de Acessibilidade e o Uso dos Dispositivos Móveis como Tecnologia Assistiva por Pessoas com Baixa Visão”. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 27, 2021.



BRASIL. **Decreto n. 3.956, de 08 de outubro de 2001**. Brasília: Planalto, 2001. Disponível em: <www.planalto.gov.br >. Acesso em: 26/07/2023.

BRASIL. **Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015**. Brasília: Planalto, 2015. Disponível em: <www.planalto.gov.br >. Acesso em: 03/06/2023.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: Ministério da Educação, 2008. Disponível em: <www.planalto.gov.br >. Acesso em: 25/07/2023.

CAMPOS, V. P.; ARAÚJO, T. M. U.; SOUZA FILHO, G. L. "CineAD: Um Sistema de Geração Automática de Roteiros de Audiodescrição". **Anais Estendidos do XX Simpósio Brasileiro de Sistemas Multimídia e Web**. Porto Alegre: SBC, 2014.

CARBALLO, R. *et al.* "Students with disabilities at university: benefits and challenges from the best faculty members' experiences". **European Journal of Special Needs Education**, vol. 38, n.1, 2023.

CARVALHO, M. D. **Educação, arte e inclusão: audiodescrição como recurso artístico e pedagógico para a inclusão das pessoas com deficiência** (Dissertação de Mestrado em Educação). Dourados: UFGD, 2017.

DEMA, D.; KLIBTHONG, S.; SRISURAKUL, T. "Exploring Bhutanese Teachers' Perceptions of Differentiated Instruction in Inclusive Schools in Bhutan". **Australasian Journal of Special and Inclusive Education**, vol. 46, n. 1, 2022.

DRAGO, R.; GABRIEL, E. "A pessoa com deficiência e a educação especial no Brasil nos últimos 200 anos: sujeitos, conceitos e interpretações". **Revista Educação Especial**, vol. 36, n. 1, 2023.

FERZIGER, N. *et al.* "Audio description in the theater: Assessment of satisfaction and quality of the experience among individuals with visual impairment". **British Journal of Visual Impairment**, vol. 38, n. 3, 2020.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GROSS, L.; NOGUEIRA, M. A. "Ensino da Arte e Inclusão: relatos de alunos com Deficiência Visual em aulas de Artes Visuais no Colégio Pedro II". **Revista Educação, Artes e Inclusão**, vol. 12, n. 3, 2016.

HAEGELE, J. A.; MAHER, A. J. "Toward a Conceptual Understanding of Inclusion as Intersubjective Experiences". **Educational Researcher**, vol. 23, n. 2, 2023.

HÄTTICH, A.; SCHWEIZER, M. "I hear what you see: Effects of audio description used in a cinema on immersion and enjoyment in blind and visually impaired people". **British Journal of Visual Impairment**, vol. 38, n. 3, 2020.

KEFFER, W.; MELO, D. C. F.; ZATTERA, V. "O processo de leitura e escrita de partituras e os desafios da cegueira congênita na perspectiva de Vigotski". **Revista da ABEM**, vol. 29, 2021.

KOEHLER, A. D.; FOERSTE, G. M. S. "Audiodescrição, dialogismo e exotopia no teatro". **Alfa: Revista de Linguística**, vol. 65, 2021.

KRÄMER, S.; MÖLLER, J.; ZIMMERMANN, F. "Inclusive Education of Students With General Learning Difficulties: a Meta-Analysis". **Review of Educational Research**, vol. 91, n. 3, 2021.



LEÃO, G. B. O. *et al.* “A educação de cegos no Brasil do século XIX: revisitando a história”. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 25, 2019.

LOPES, M. W. V. “The importance of the teacher in the process of inclusion of students with visual impairments”. **Research, Society and Development**, vol. 8, n. 9, 2019.

MAHER, A. J. *et al.* “Exclusion, inclusion and belonging in mainstream and disability sport: Jack’s story”. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, vol. 15, n. 1, 2023.

MAMCASZ-VIGINHESKI, L. V.; ALVARISTO, E. F.; SHIMAZAKI, E. M. “Interação entre Educação Especial e Ensino Regular: ações pedagógicas a estudantes cegos”. **Ciência e Educação**, vol. 29, 2023.

MANTOAN, M. T. E. **A Integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Editora SENAC, 1997.

MELO, D. C. F.; CRISTOFOLETI, R. C.; ROSSETTO, E. “A psicologia do vencimento, da superação da cegueira a partir da teoria histórico-cultural”. **Revista Comunicações**, vol. 29, n. 1, 2022.

MELO, D. C. F.; SILVA, J. H. “Trajetórias escolares de pessoas com deficiências na educação básica: qual lugar da educação especial?” **Revista Ibero-americana de Estudos em Educação**, vol. 15, 2020.

MENEZES, A. L.; ALVES, C. B. “Audiodescrição como ferramenta do Desenho Universal para a Aprendizagem: inclusão de crianças com deficiência visual na Educação Infantil”. **Revista Educação Especial**, vol. 34, 2021.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MISKALO, A. L.; CIRINO, R. M. B.; FRANÇA, D. M. V. R. “Formação docente e inclusão escolar: uma análise a partir das perspectivas dos professores”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 14, n. 41, 2023.

MORAES, M. R.; HUMMEL, E. I.; SILVA, E. P. “Tecnologia Assistiva como recurso pedagógico: concepções dos docentes das salas de recursos multifuncionais”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 15, n. 43, 2023.

MOTTA, L. M. V. M. **A audiodescrição na escola: abrindo caminhos para a leitura de mundo**. Campinas: Editora Pontes, 2015.

MOTTA, L. M. V.; ROMEU FILHO, P. (orgs.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, 2010.

MOZER, T. A.; DRAGO, R.; DIAS, I. R. “O ensino da língua inglesa para alunos com deficiência intelectual: uma investigação literária”. **Artefactum - Revista de Estudos em Linguagens e Tecnologia**, vol. 20, n. 1, 2021.

NASCIMENTO, J. A. A.; SEIXAS, J. A. “Deficiência auditiva e surdez: do abandono à inclusão”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 8, n. 24, 2021.

OLIVEIRA, A. A. S.; PRIETO, R. G. “Formação de Professores das Salas de Recursos Multifuncionais e Atuação com a Diversidade do Público-Alvo da Educação Especial”. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 26, n. 2, 2020.



OLIVEIRA, A. F. T. M.; SANTIAGO, C. B. S.; TEIXEIRA, R. A. G. “Educação inclusiva na universidade: perspectivas de formação de um estudante com transtorno do espectro autista”. **Educação e Pesquisa**, vol. 48, 2022.

PINO, A.; VILADOT, L. ”Teaching–learning resources and supports in the music classroom: Key aspects for the inclusion of visually impaired students”. **British Journal of Visual Impairment**, vol. 37, n. 1, 2019.

RILLOTTA, F.; LINDSAY, L.; GIBSON-POPE, C. “The work integrated learning experience of a university student with intellectual disability: a descriptive case study”. **International Journal of Inclusive Education**, vol. 20, n. 2, 2021.

ROCHA, M. S.; OLIVEIRA, A. F. T. M.; ARAÚJO, M. P. M. “Atendimento Educacional Especializado para estudantes com transtorno do espectro autista na Associação Pestalozzi de Goiânia – Unidade Renascer”. **Educação Por Escrito**, vol. 12, n. 1, 2021.

RODRIGUES, D. “Fundamentalismo, complexidade e inclusão. Contributos para uma educação inclusiva”. **Revista Portuguesa de Investigação Educacional**, n. 2, 2020.

SANTOS, P. V.; BRANDÃO, G. C. A. “Tecnologias Assistivas no Ensino de Física para Alunos com Deficiência Visual: um estudo de caso baseado na audiodescrição”. **Ciência Educação**, vol. 26, 2020.

SILVA, J.; PIMENTEL, A. “A Inclusão no Ensino Superior: Vivências de Estudantes com Deficiência Visual”. **Revista Brasileira de Educação Especial**, vol. 28, 2022.

SILVA, M. C.; BARROS, A. “Para além do visível: pela adoção de um paradigma emancipatório em audiodescrição”. **Cadernos de Tradução**, vol. 41, n. 2, 2021.

SONZA, A. P.; VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G. “Os NAPNEs e o plano educacional individualizado nos Institutos Federais de Educação”. **Revista Educação Especial**, vol. 33, 2020.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1999.

TAN, P.; PADILLA, A.; LAMBERT, R. A. “Critical Review of Educator and Disability Research in Mathematics Education: A Decade of Dehumanizing Waves and Humanizing Wakes”. **Review of Educational Research**, vol. 92, n. 6, 2022.

TASSA, K. O. M. E.; RODASKI, J. I.; CRUZ, G. C. “A inclusão de alunos com deficiência nas escolas em tempo integral: reflexões pertinentes”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 13, 2023.

TEMIRBEK UULU, Z. Z.; SAĞIN-ŞİMŞEK, Ç.; ANTONOVA-ÜNLÜ, E. “The effect of audio description on film comprehension of individuals with visual impairment: A case study in Turkey”. **British Journal of Visual Impairment**, vol. 41, n. 1, 2023.

VERASZTO, E. V. *et al.* “Conceptualización en ciencia por ciegos congénitos: un estudio con profesores y estudiantes de secundaria regular”. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, vol. 17, n. 3, 2018.

VERGARA-NUNES, E. **Audiodescrição didática** (Tese de Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento). Florianópolis: UFSC, 2016.



VIEIRA, A. B. *et al.* “As contribuições de Meirieu para a formação continuada de professores e a adoção de práticas pedagógicas inclusivas”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 101, n. 258, 2020.

WARREN, J. *et al.* “Small Steps: The Inclusion of Young Children With Disabilities in Australia, Greece, and Malaysia”. **Australasian Journal of Special and Inclusive Education**, vol. 45, n. 2, 2021.

WESTWOOD, P. “Integration to Inclusion in Hong Kong: Not an Easy Progression”. **Australasian Journal of Special and Inclusive Education**, vol. 45, n. 2, 2021.

WHO - World Health Organization. “Relatório mundial sobre a visão”. **WHO** [2019]. Disponível em: <[www.who.int](http://www.who.int)>. Acesso em: 10/03/2023.



## **BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)**

Ano V | Volume 15 | Nº 44 | Boa Vista | 2023

<http://www.ioles.com.br/boca>

### **Editor chefe:**

Elói Martins Senhoras

### **Conselho Editorial**

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

### **Conselho Científico**

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávoro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima